UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

MARIA DO SOCORRO DE FARIAS LEITE BATISTA

O PROBLEMA SENSORIAL DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ÓTICA DA LOGOTERAPIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

CAMPINA GRANDE
2018

MARIA DO SOCORRO DE FARIAS LEITE BATISTA

O PROBLEMA SENSORIAL DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ÓTICA DA LOGOTERAPIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de psicólogo.

Orientador: Prof. Ma. Lorena Bandeira Melo de Sá.

CAMPINA GRANDE

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B333p Batista, Maria do Socorro de Farias Leite.
O problema sensorial da pessoa com transtorno do espectro autista na ótica da logoterapia [manuscrito] : uma revisão de literatura / Maria do Socorro de Farias Leite Batista. - 2018.
41 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2018.
"Orientação : Profa. Ma. Lorena Bandeira de Melo Sá , Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Autismo. 2. Problemas sensoriais. 3. Logoterapia.

21. ed. CDD 616.891 6

Elaborada por Giulianne Monteiro Pereira - CRB - 15/714 BC/UEPB

MARIA DO SOCORRO DE FARIAS LEITE BATISTA

O PROBLEMA SENSORIAL DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ÓTICA DA LOGOTERAPIA: UMA REVISAO DE LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de psicólogo.

Orientador: Profa. Ma. Lorena Bandeira de Melo Sá.

Aprovada em: 13/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

Lorena Bandeira Melo de Sá

Profa. Ma. Lorena Bandeira Melo de Sá (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof. Dr. Fábio Galvão Dantas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICO este trabalho a Samir, meu irmão, meu amigo e inspiração para a vida.

AGRADECIMENTOS

Sou grata à minha mãe, Maria Eunice, por todo amor ao longo da minha vida e apoio na minha escolha profissional, tornando essa caminhada mais leve. A senhora é meu espelho para a vida.

Ao meu irmão, Samir Levi. Gratidão por me acolher em sua singularidade e doçura, me inspirando todos os dias. Você é meu exemplo de sabedoria e persistência.

Ao meu tio, Gustavo, por ser sempre amigo ao longo da minha jornada de vida. Gratidão pelos grandes momentos já compartilhados juntos.

Agradeço Sandra, pela amizade e tão agradável companhia ao longo de tantos anos.

À amiga Aline Diniz, gratidão pela amizade tão sincera e auxílio durante a escrita desse trabalho.

Aos amigos do curso, gratidão pelo compartilhamento de saberes e momentos sempre especiais.

Agradeço a minha orientadora, Lorena Bandeira, pelos ensinamentos no percurso da Logoterapia, mostrando o fascínio dessa abordagem.

Gratidão ao orientador de Estágio Supervisionado V Gilvan Melo pelas ricas transmissões de saberes.

Agradeço imensamente a todos os funcionários do Departamento de Psicologia que contribuíram em nosso ciclo na UEPB.

Por fim, agradeço a quem acompanhou de perto essa jornada, me auxiliando nos trajetos para a universidade e sendo um amigo sempre prestativo: Janduí (*in memorian*).

"Um homem sábio me disse uma vez que uma semente precisa de amor e cuidado para se tornar uma flor e uma lagarta precisa de tempo e persistência para se tornar uma linda borboleta. É por isso que eu digo que todos tem uma voz interior à espera para sair e tudo que eles precisam é de você"

Carly Fleischmann,

Carly's Voice: Braking Through Autism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA ANÁLISE COMPORTAMENTAL APLICADA

DSM MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS

TEA TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

TEACCH TRATAMENTO E EDUCAÇÃO PARA AUTISTAS E CRIANÇAS COM DÉFICITS RELACIONADOS COM A COMUNICAÇÃO

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	10
2	**O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E OS PROBLEMAS SENSORIAIS**.....	13
2.1	TEORIA SENSORIAL DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA DE CARL DELACATO.....	16
2.2	RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS.....	18
3	**A ONTOLOGIA DIMENSIONAL DA LOGOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL**.....	20
4	**O PROBLEMA SENSORIAL DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ÓTICA DA LOGOTERAPIA**.....	25
4.1	CASO BOBBY POR CARL DELACATO.....	27
4.2	O PROCESSAMENTO SENSORIAL NA PERSPECTIVA DA PESSOA COM TEA.....	28
4.3	O PORTADOR DE TEA COMO PESSOA ESPIRITUAL.....	34
5	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....	38
6	**REFERÊNCIAS**.....	40

RESUMO

Segundo o DSM-V o TEA- Trnastorno do Espectro Autista consiste em um transtorno do neurodesenvolvimento diagnosticado a partir da observação de comportamentos que mostram déficits sociais, dificuldade no comportamento não verbal, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Os problemas sensoriais não estão dentre os critérios diagnósticos do TEA, mas segundo um estudo de 2004 eles estão presentes em cerca de 70 a 80% das pessoas autistas. Esse problema consiste em uma apreensão distorcida dos estímulos do meio externo através da visão, audição, olfato, paladar e tato, podendo tornar as vivências estressantes e dolorosas. Esse modo de perceber o mundo pode se refletir no comportamento da pessoa autista. O presente estudo visa analisar através de uma revisão de literatura no que consiste e o que leva a pessoa a desempenhar tais comportamentos, que muitas vezes parecem diferentes tornando-os incompreendidos pela sociedade. Para esse análise foi utilizado o referêncial teórico da Logoterapia, criado por Viktor Frankl e sua estrutura de homem, possibilitando compreender como a pessoa autista age atua no mundo como ser espiritual.

Palavras-Chave: Autismo. Processamento sensorial. Logoterapia.

1) INTRODUÇÃO

O presente trabalho mostra a compreensão do comportamento no Transtorno do Espectro Autista, classificado no DSM-V como um problema do neurodesenvolvimento que afeta a criança desde seus momentos iniciais (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014), a partir do dimensão espiritual, instância esse humana, conceituada pela Logoterapia, abordagem fenomenológica existencial da psicologia instituída por Viktor Frankl.

O termo autismo infantil surgiu inicialmente em 1911 através do psiquiatra suíço Eugene Bleuler, mas só em 1943 teve seu conteúdo ampliado através dos estudos de Leo Kanner. Ele investigou 11 crianças que pareciam desempenhar um comportamento bastante similar, estando dentre essa conduta a ausência do contato afetivo e interpessoal, comportamentos obsessivos, estereotipias e ecolalias (ASSUMPÇÃO JR.; PIMENTEL, 2000 apud ROTTA; BRIDI FILHO; BRIDI, 2016). Um anos após, Hans Aspeger viria a contribuir nesse campo com descobertas muito similares as de Kanner, mas possuindo o diferencial de que em seus estudos percebeu a presença de uma inteligência dentro dos padrões de normalidade assim como a ausência de déficits de linguagem (GADIA, 2006 apud ROTTA; BRIDI FILHO; BRIDI, 2016). Lorna Wing foi responsável por traduzir do alemão os estudos de Aspeger e concluir que seus relatos se tratavam de uma variação da mesma condição estudada por Kanner (WING, 1981 apud MATSON; NEBEL-SCHWALM; MATSON, 2006 apud ROTTA; BRIDI FILHO; BRIDI, 2016).

Aos longos dos anos a definição do termo autismo veio sofrendo modificações e atualmente ela é classificada a partir de um ponto de vista comportamental como um distúrbio

do desenvolvimento com múltiplas etiologias, que pode apresentar-se em uma ampla variação de graus (GADIA, 2006 apud ROTTA; BRIDI FILHO; BRIDI, 2016). O DSM-5 traz em nota que o diagnóstico de transtorno autista, transtorno Aspeger ou transtorno global do desenvolvimento passam a ser todos classificados como transtorno do espectro autista. O diagnóstico provém de comportamentos repetitivos, interesses restritos, déficits sociais e comunicativos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014 apud ROTTA; BRIDI FILHO; BRIDI, 2016). No desenvolvimento isso pode ser refletido em atrasos e irregularidades em suas respectivas etapas. É uma condição que costuma afetar mais crianças do sexo masculino (RODRÍGUEZ-BARRIO-NUEVO; RODRÍGUEZ-VIVES, 2002) e a percepção dos sinais iniciais desse transtorno ocorre por volta dos três anos de idade (apud Ozand et al. 2003 apud ROTTA; BRIDI FILHO; BRIDI, 2016).

Muitos pais procuram respostas a seus questionamentos acerca da condição dos filhos, mas devido à falta de informação ocorre o desgaste da busca e a criança acaba por desenvolver-se sem a devida compreensão de seu ser e de suas necessidades (GRANDIN e PANEK, 2013)

Temple Grandi, afirma que existe uma diferença significativa no comportamento visto de fora e em como ele é sentido por dentro. Em muitos momentos ela é questionada por pais sobre como reagir ao que eles intitulam como mal comportamento de seus filhos. Para entender o comportamento é necessário seguir uma investigação a fundo, deixar os rótulos de lado e compreender a pessoa a qual se está lidando. Cada indivíduo é uma singularidade e não parte do aglomerado de seu diagnóstico (GRANDIN e PANEK, 2013).

O transtorno sensorial é uma disfunção na percepção no mundo que pode ocorrer através das cinco vias que nos conectam ao meio exterior: visão, audição, olfato, paladar e tato. Por esses meios compreendemos o mundo, mas quando esses sentidos não funcionam corretamente a realidade captada pode ser muito diferente e distorcida. Assim, a pessoa autista pode tornar-se intolerante ao meio externo em muitos aspectos e isso se reflete em seu comportamento. Esse problema se insere na singularidade da pessoa e se desenvolve de modo muito variado em um e outro (GRANDIN; PANEK, 2013). A pessoa autista pode encontrar dificuldades em responder sensorialmente aos estímulos e manter-se em um nível ótimo de ativação e atenção focalizada (ROTTA; BRIDI FILHO; BRIDI, 2016).

A Dra. Grandin afirma que nas pesquisas feitas por geneticistas e neurocientistas sobre cérebro autista não se priorizam os problemas sensoriais. Ao contribuir em um livro acadêmico de grande relevância sobre autismo, Dra. Grandin percebeu que só havia um único artigo abordando os problemas sensoriais: o dela. A essa escassez de estudos ela atribuiu ao

fato de as pessoas que adentram as pesquisas no autismo serem pessoas neurotípicas e, portanto, preocupam-se mais em socializar o indivíduo no ambiente do que compreender o que lhe aflige nesse mesmo ambiente. Temple diz que deve ser difícil para uma pessoa sem problemas sensoriais imaginar como uma situação nova, mesmo não ameaçadora, possa vir com uma extrema carga de adrenalina (GRANDIN e PANEK, 2013).

Como ser que age no mundo pode-se entender a estrutura da pessoa autista a partir das definições de homem e mundo propostas por Viktor Frankl.

Viktor Frankl inaugura um novo modelo de psicoterapia e de visão de homem. Baseado nas abordagens fenomenológicas existenciais ele fala que o homem não se realiza na homeostase proposta por Freud, mas que esse caminho é encontrado rumo a realização de um sentindo em sua vida. Assim, propõe que o movimento de abertura ao mundo do indivíduo é que o colocam em um caminho que de fato o preenche (PEREIRA, 2007).

Em sua concepção de homem Frankl utiliza o modelo tripartite da ontologia dimensional que compreende o ser humano como uma unidade formada por três dimensões: física, psicológica e espiritual. A última dimensão é considerada a que de fato caracteriza a essência do homem e através dela lhe é possibilitado a ação compreendida por Frankl como essencial para a vida humana. O que possibilita esse agir é uma liberdade que provém do espiritual e garante ao ser poder posicionar-se diante de qualquer situação psicofísica ou social (PEREIRA, 2015).

Através dessa liberdade o homem vai de encontro com o sentido através de diversas realizações. Frankl divide essa busca por sentido em três categorias: valores de criação, valores de experiência e valores de atitude. No valor de criação a pessoa dar algo de si ao mundo e vai de encontro com o sentido, já com o valor de experiência se tem uma vivência de contemplação e gratidão para ir de encontro com o sentido. O último valor é realizado quando em uma situação não é possível agir criando algo para alguém ou experienciando um momento para ir de encontro com o sentido em uma situação. Os valores de atitude ocorrem diante de momentos de sofrimento, dor, culpa e morte. Assim, com a liberdade espiritual é possibilitado ao ser humano posicionar-se diante desses contextos transformando a vivência de um momento trágico em êxito e crescimento (PAREJA HERRERA, 2007).

A logoteoria fala que o físico e o psíquico são instâncias que temos em comum com os demais seres no mundo e que elas são passíveis de acometimentos patológicos. As facticidades psicofísicas ocorrem e limitam a expressão do ser espiritual. Mas, ainda que é em meio a limitação, existe uma liberdade que pode ser sempre acessada e posta em prática encontrando sentido na vida através da via dos valores (ORTIZ, 2013).

Com a noção de homem trazida por Viktor Frankl (2005) podemos ver a estrutura de um ser dotado de possibilidade de ação em seu meio, movido pela vontade de sentido que o preenche e o caracteriza com ser genuinamente humano, garantindo-lhe sobrevivência em um mundo repleto das mais diversas situações.

Assim, esse trabalho possibilita compreender o comportamento da pessoa com Transtorno do Espectro Autista que possui disfunção sensorial a partir da estrutura de homem porposta por Viktor Frankl, compreendendo-o através de seu comportamento como um ser espiritual dotado de recursos que o caracterizam como ser que pode agir em meio às diversas dificuldades e defende sua permanência no mundo. Através dessa análise é possibilitado ao leitor reconhecer como os variados comportamentos característicos do TEA, advindos de seus problemas sensoriais podem ter uma função específica para o sujeito e não ser algo vago e sem uma especificidade.

Muitas vezes nos deparamos com pessoas autistas que externalizam comportamentos que observadores não conseguem compreender e pais e cuidadores não sabem lidar, deixando uma lacuna no auxílio ao desenvolvimento dessa pessoa. Os estudos acerca dos problemas sensoriais na pessoa autista ainda são muitos escassos, especialmente quando se tratam de disfunções em graus mais severos. Assim, para melhor compreensão dessa condição é necessário dar voz a pessoa autista (GRANDIN e PANEK, 2013).

No decorrer do trabalho é apresentado com mais profundidade o Transtorno do Espectro Autista e os problemas sensoriais a partir de uma perspectiva histórica, traçando uma linha do tempo que vai desde o ano de 1974 com as descobertas de Carl Delacato (1974) e seus estudos acerca do autismo sendo este um dos primeiros passos para a compreensão de uma disfunção sensorial, até períodos recentes com os relatos de Temple Grandin (2013) e Carly Fleischman (2012) e suas descobertas como pessoas portadoras do TEA.

Pode-se conhecer mais detalhadamente os conceitos da abordagem fenomenológica existencial Logoterapia, fazendo um percurso minucioso pelos conceitos instituídos por Viktor Frankl e sua visão de homem, compreendendo a partir dessa estrutura a inserção do homem do mundo.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica que possibilitou uma ampla explanação do tema através da aprofundação de conceitos, visão histórica e relatos autobiográficos que juntos, direcionaram o trabalho para uma compreensão acerca da estrutura autista na ótica da logoterapia

2) O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E OS PROBLEMAS SENSORIAIS

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é classificado no DSM – 5 como um transtorno do neurodesenvolvimento, que consiste em condições que costumam se desenvolver nos períodos iniciais de vida da criança, acarretando prejuízo no decorrer de seu desenvolvimento, impactando as áreas pessoal, social, acadêmica e profissional. É caracterizado pelo déficit na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, com déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Podem ocorrer mudanças no quadro de sintomas da pessoa com o decorrer do desenvolvimento, mas para o diagnóstico efetivo ele deve está causando algum dano no contexto atual. Assim, é necessário conhecer a fundo a historia de vida do indivíduo (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

O autismo pode ser percebido no início de vida da criança, mas os pais costumam relatar uma época de normalidade antes da percepção do quadro sintomático. Os comportamentos iniciais que despertam a atenção dos pais na criança são a calma, o sono e choro excessivos, mostrando-se aversivas ao aconchego. Com o decorrer do tempo também podem perceber que o filho não imita nem se comunica com gestos, não compartilha sentimentos nem sensações e parecem não procurar ou não conseguir o contato ocular. Assim, no desenvolvimento dessa condição que pode variar de graus leves a mais severos é perceptível déficits na comunicação verbal e não verbal, abrangendo as expressões faciais, linguagem corporal, ritmo e modulação na linguagem verbal; dificuldade de sociabilização com as outras pessoas e com isso incapacidade de compartilhar sentimentos, gostos e emoções; e a dificuldade no uso da imaginação caracterizada pelo comportamentos obsessivos e ritualísticos e compreensão literal da linguagem (MELLO, 2005).

A ampliação dos critérios diagnósticos que ocorreu no decorrer dos anos consequentemente ampliou o número de casos de TEA registrados principalmente na área pediátrica. A predominância de casos é de 4 a 13 em 1000 pessoas, passando a ser o terceiro distúrbio mais comum do desenvolvimento infantil. É mais comum no sexo masculino (CANUT et al., 2013).

Crianças com autismo costumam apresentar problemas em suas funções sensoriais que podem ser observados já no início do desenvolvimento. Essa disfunção se caracteriza no

modo de atuação desse sistema, captando os estímulos do meio de forma excessiva ou escassa. A variação dessa apreensão do mundo pode estar presente em um mesmo indivíduo. Pessoas pouco reativas, ou seja, captação escassa de algum estímulo também podem apresentar outra captação sensorial de forma pouco muito reativa, ou seja, bem acima do normal. Esse manejo deficiente na regulação da atenção, afeto e ação dificulta a inserção da criança em atividades sociais (MAZET; LEBOVICI, 1991 apud ROTTA; BRIDI FILHO; ROTTA, 2016). Temple Grandi acrescenta uma terceira classificação: a busca sensorial. Essa classificação abrange as pessoas que parecem buscar sensações (GRANDI e PANEK, 2013)

As intervenções parentais nem sempre são coerentes e muitas ocorrem por uma superestimulação, acabando por não gerar soluções e benefícios para a criança. Dessa forma surgem os comportamentos de chateação, autoestimulação e estereotipias. Nas intervenções eficazes os pais devem conseguir entender os comportamentos oriundos dessa dificuldade sensorial e não tentar intervir na tentativa de modificar a criança e o comportamento, mas focar na modificação do ambiente a qual ela está inserida e adequá-lo à criança (ANZALONE; WILLIAMSON, 2000 apud ROTTA; BRIDI FILHO; ROTTA, 2016).

O comportamento que é reflexo da dificuldade sensorial pode se apresentar em cada criança com uma função diferente. Por exemplo, bater palmas em uma criança hiperreativa pode ajudar-lhe a tranquilizar, já em uma criança hiporreativa pode auxiliar no aumento de sua ativação, e pode também auxiliar a descarregar a tensão. Assim, cada criança é uma unicidade e deve se levar em conta esse aspecto na hora de analisar o comportamento. É ideal que a função do comportamento seja identificada (ANZALONE; WILLLIAMSON, 2000; BARANEK, 2002 apud ROTTA; BRIDI FILHO; ROTTA, 2016).

Os problemas sensoriais não são critérios diagnósticos do autismo (Gikovate, 1999), mas tornam-se relevantes à medida que, segundo um estudo de 2004, revelou que 70-80% das crianças autistas possuem algum tipo de dosordem dessa natureza. (Harrison e Hare, 2004 apud CAMINHA e LAMPREIA, 2012). O estudo de Dawson & Willing publicado no ano de 2000 e baseado em relatos clínicos, mostrou que a incidência de alterações sensoriais estava presente em cerca de 30% a 100% das pessoas autistas. Em 2005 foi publicado que 69% de crianças autistas estavam sujeitas a disfunções sensoriais (BARANEK et al., 2005 apud CAMINHA e LAMPREIA, 2012). Miller relatou em 2007 que os problemas sensoriais estavam presentes em 78% de uma amostra de pessoas autistas de alto funcionamento (apud CAMINHA e LAMPREIA, 2012).

Algumas teorias mostram sua compreensão do autismo como uma desordem do funcionamento sensorial. Caminha e Lampreia (2012) citam alguns estudos sobre teorias

sensoriais. Em uma dessas primeiras teorias Hutt, Lee e Ounsted (1964) falam que comportamentos típicos de autistas, como as repetições, ocorrem devido a um déficit no sistema modulador de excitação e auxiliam na redução da atenção a estímulos inesperados e incômodos. Na teoria da atenção superseletiva Lovas e Newsom (1976) dizem que os autistas costumam concentrar-se em um único elemento de um amplo sistema podendo ocasionar um comportamento repleto de dificuldades sociais. Uma superseletividade auditiva, por exemplo, pode ser responsável pelas dificuldades de linguagem. Hatch-Rasmussen (1995) diz que os sentidos atuam de modo isolado no organismo e não de forma conjunta. Dessa forma o cérebro não consegue organizar essas vias e direcioná-las para uma compreensão. Já Delacato (1974) e Doman (1986) apontam que o cérebro autista possui lesões cerebrais que interferem na percepção dos estímulos no mundo, ocasionando problemas nessa área que refletem no comportamento do sujeito.

2.1) TEORIA SENSORIAL DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA DE CARL DELACATO

Carl Delacato foi diretor da Unidade Autista, Diretor do Centro de Reabilitação Neurológica e Diretor da Clínica Delacato com várias unidades pelo mundo. O livro *The Ultimate Stranger - The Autistic Child* [O último estranho - a criança autista] lançado em 1974 narra seus estudos e descobertas em uma profunda investigação acerca do funcionamento do autismo. Sua pesquisa ocorreu entre os anos de 1963 a 1973. Foram avaliadas e tratadas 166 que já possuíam algum diagnóstico de autismo e cuja as idades variavam dos dois aos trinta e dois anos de idade. Foram feitas comparações e procurado fatores que essas pessoas poderiam ter em comum (DELACATO, 1974).

Entre os anos de 1950 e 1960 houve o questionamento sobre a origem do autismo, se era de fato ocasionado por uma condição psicológica, que era até então a crença da época, ou se havia bases orgânicas que também influenciavam nesse desenvolvimento. Assim, dentre as correntes que evidenciavam as bases biológicas nessa causa surgiu uma que remetia a condição autista ao mau desenvolvimento cerebral cujo reflexo dessa condição poderia estar nos sintomas comportamentais de dificuldades do contato sensorial do sujeito (DELACATO, 1974).

Carl Delacato trabalhava com pessoas acometidas por lesões cerebrais. Nas lesões consideradas suaves eram perceptíveis pessoas que possuíam problemas na apreensão do mundo através de suas vias sensoriais: olhos, orelhas ou pele. Seguindo esse pensamento

foram observadas muitas crianças que podiam andar, mas não podiam falar nem entender aos outros e que não podiam ser deixadas sozinhas devido à intensa hiperatividade. Ou seja, observou-se um amplo problema de comportamento. Carl decide estreitar sua caminhada pelos problemas de comportamento e conclui que o melhor caminho pela qual deve começar é a criança autista (DELACATO, 1974).

Na busca por um aspecto que fosse essencialmente autista Delacato deparou-se com o discurso dos pais a respeito do comportamento repetitivo: diziam que era a maior característica que podiam observar em seus filhos. Foi percebido que às várias manifestações do comportamento autista como por exemplo morder a própria mão ou bater na própria face tinham uma característica em comum: ocorriam de forma repetitiva. Quando ocorriam as tapas, giros ou mordidas repetitivas, o sujeito parecia estar alheio ao mundo ao seu redor, em um mundo só dele e bastante satisfeito (DELACATO, 1974).

Começou-se a questionar se havia uma mensagem escondida naqueles ritmos. Delacato ampliou seus estudos e estendeu suas observações ao reino animal. Em animais livres não detectou a presença de comportamentos repetitivos. Já nos animais presos em gaiolas nos zoológicos conseguiu perceber sim a presença deles. Os mesmo animais que estavam livres, quando engaiolados apresentavam tal comportamento. Desmond Morris nomeia esse comportamento de estereotipias rítmicas, e são ocasionadas em ambientes de tédio e estresse (DELACATO, 1974).

Em outra experiência no mundo animal Delacato observou o pulo de um peixe para fora da água, chegando próximo de seus pés. À medida que o tempo passava fora de seu habitat natural, o peixe começou a desencadear comportamentos rítmicos ao longo de seu corpo. Carl fez uma conexão com os movimentos repetitivos das crianças autistas e assim como o delas, sem uma aparente função específica. O peixe convulsionava pelo decorrer de seu corpo e, em determinado momento, após incessante repetição desse comportamento, conseguiu cair de volta na água e retornar a nadar. Delacato conclui que esse comportamento sem uma função específica foi o que salvou o peixe e o fez retornar ao seu habitat natural (DELACATO, 1974).

Ele seguiu suas observações em centros que cuidavam de crianças cegas e centros que se destinavam ao cuidado de crianças surdas e surpreendeu-se ao perceber um comportamento rítmico similar ao dos autistas. Na lesão cerebral a pessoa pode desenvolver um problema de percepção e tornar-se um pouco cega ou um pouco surda. Com seu acervo de pesquisas e observações feitos até aquele momento, Delacato questiona-se se a criança autista poderia ter uma lesão cerebral. Também levanta a hipótese de, caso essa lesão dificultasse a apreensão

dos estímulos no mundo, às crianças poderiam estimular a si mesmas para curar e assim normalizar o que existe de errado. Delacato conclui que pessoas autistas poderiam ter problemas sensoriais e que isso faria com que estímulos que fossem captados pelos sistemas visuais, táteis, auditivos, olfativos ou gustativos pudessem machucá-las. Essa percepção de mundo que tanto afetava os indivíduos autistas era refletida em seu comportamento que se manifestava de forma bastante variada de pessoa para pessoa (DELACATO, 1974).

2.2) RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS

Os relatos autobiográficos de pessoas autistas são fontes ricas de conhecimento pois partem de suas próprias percepções em relação ao transtorno. Pode-se ter acesso a uma perspectiva que é de fato vivenciada e não apenas observada. Os problemas que acometem essas pessoas como as dificuldades sociais e de comunicação são descritos como consequência de um problema no processamento sensorial (Grandin, 1996; O'Neill, 1999; Williams, 1992 apud CAMINHA e LAMPREIA, 2012).

Temple Grandin é uma autista que verbaliza e tem diversas aptidões. É autora do livro O Cérebro Autista – Pensando Através do Espectro (2013), juntamente com Richard Park. No livro é narrado a percepção do autismo a partir de sua experiência pessoal e de estudos coletados ao longo de sua vida. Ela nasceu em 1947, quatro anos após a existência do diagnóstico do autismo e manifestava em seus primeiros sintomas do transtorno comportamento destrutivo, incapacidade de falar, sensibilidade ao contato físico e fixação em objetos giratórios. Seu tratamento foi baseado seguindo o conceito da causa de autismo devido a danos cerebrais. Quando adulta, tornou-se PHd em zootecnia e professora de ciência animal na Colorado State University (GRANDIN e PANEK, 2013).

A Dr. Temple Grandin relata ter descoberto sua sensibilidade auditiva quando presenciava sons altos, repentinos e fora de seu controle. Sua aflição estava no fato de um som surgir de forma inesperada sem que ela pudesse controlar. O barulho de secador de mãos em banheiros públicos em um momento específico, quando as mãos se posicionam dentro do jato de ar e os toaletes a vácuo dos aviões era muito incômodo. O som de alarmes em geral também é citado como uma experiência sensorial tão insuportável que se compara a dor de uma obturação odontológica, só que dentro de seu crânio. Balões de ar foram um terror na infância pois eram estourados subitamente. Temple descobre após relatos de outros autistas que, quando se provoca o som que não se tolera, ou se conhece de onde vem essa vivência se torna menos agressiva. (GRANDIN e PANEK, 2013)

A experiência sensorial através da visão, olfato, paladar, audição e tato são o meio pela qual entramos em contato com o mundo que nos cerca. A apreensão do mundo através dessas vias define a realidade a qual se vive e proporciona um entendimento em comum pela maior parte das pessoas, ocasionando adaptação e adequação ao meio para a sobrevivência no mundo. Quando as vias sensoriais não funcionam corretamente existe uma apreensão de mundo completamente diferente. As vivências comuns a várias pessoas podem ser interpretadas pelo cérebro com problema sensorial de maneira diferente, incômoda e dolorosa. (GRANDIN e PANEK, 2013)

Os problemas sensoriais no sujeito com TEA variam em tipo e grau. Enquanto a Dra. Grandim achava fascinante o movimento de abrir e fechar de portas automáticas já presenciou crianças berrando por conta disso. Enquanto crianças saem correndo da descarga sanitária, outras apreciam brincar com a água em movimento. Temple também fala que aprendeu a tolerar os sons que a incomodavam, mas em alguns casos esse controle pode não acontecer, podendo transformar a rotina em uma série de vivências caóticas e confusas. Outra questão pertinente em relação a esses estudos é que muitos provêm da observação dos pesquisadores e de relatos dos pais (GRANDIN e PANEK, 2013).

Ela encontrou relatos retirados da internet que falam sobre a dificuldade de processamento sensorial:

> Quando muita gente fala ao mesmo tempo ao meu redor, como num pub, me sinto agoniada e começo a ficar alheia a tudo e não consigo entender o que acontece. [...] Simplesmente me fecho e não consigo sentir nem reagir, então, em geral, permaneço sentada absolutamente imóvel e olho fixamente para algo. Às vezes minha mente está a mil e é muito difícil detê-la [...] Meus olhos tentam seguir todos os movimentos que percebem. Isto é parte do que destrói o contato visual e me faz parecer muito desatento (GRANDIN e PANEK, 2013, p.92).

Temple cita um artigo publicado em 2007 na Frontiers of Neuroscience que relata que uma percepção excessiva de estímulos era o que gerava os problemas sensoriais nas pessoas. As vivências podem tornar-se dolorosas e o cérebro autista reage posicionando o indivíduo em uma preferência por repetições obsessivas na rotina, fechando-se para o mundo para conseguir lidar com essa sobrecarga sensorial. Em 2009, o artigo Neuroscience and Behavioral Reviews aponta o autismo como uma condição que ocasiona o despreparo para lidar com a rapidez do mundo, optando o sujeito por fechar-se para essas vivências (GRANDIN e PANEK, 2013).

Carly Fleischmann, é uma autista não verbal que aos dez anos utilizou por conta própria o seu dispositivo de transmissão e digitou no teclado: a-j-u-d-a-d-e-n-t-e-d-o-i. Ao sentir dor

de dente Carly comportou-se de forma inquieta e mal humorada. Ao ser questionada por seu terapeuta sobre o que ela queria, como se fosse capaz de falar, ela mostrou que era. Com ajuda de seu pai escreveu o livro “A voz de Carly: rompendo o autismo” (GRANDIN e PANEK, 2013).

Quando ela inicia o uso dos aparelhos de comunicação podemos ter acesso a percepção de mais uma pessoa autista sobre si, assim como Temple, mas quebrando barreiras ainda maiores devido maior grau de comprometimento de Carly. Ela diz que sua voz sempre esteve presente consigo. Mesmo antes de sua comunicação com aparelhos ela possuía o que denominava como "voz interior" que era uma voz presente em seu pensamento que expressava suas vontades, se direcionava e respondia a perguntas. Porém toda essa atividade se restringia apenas a sua mente. A voz de Carly acabava sendo uma voz apenas voltada para ela pois não conseguia expô-la para o mundo. Assim permaneceu durante dez anos. (FLEISCHMANN e FLEISCHMANN, 2012)

Ao pensar em Carly, Temple afirma que mesmo aquele sujeito autista de baixo funcionamento encontra-se em uma intensa ligação com o mundo, apenas é refém de uma condição que lhe causa uma percepção sensorial confusa e, devido a isso, mostra-se ao mundo da maneira como o experimenta. Ao descrever o seu funcionamento Carly e Temple demonstram que, assim como seus pais e pesquisadores eles também tentam se compreender, só que, quando expõe o que sentem temos acesso a relatos mais verdadeiros que o de observadores (GRANDIN E PANEK, 2013)

Sendo a pessoa autista um ser estruturado pela ontologia dimensional de Frankl, podemos compreender sua inserção no mundo através de suas dimensões física, psíquica e espiritual.

3) A ONTOLOGIA DIMENSIONAL NA LOGOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL

A Logoterapia, escola vienense instituída por Viktor Frankl no século XX, aborda um pensamento psicológico e psicoterapêutco com embasamento teórico em conceitos fenomenológicos e existenciais. Como método psicoterapêutico foca na realização de sentido a partir das experiências vivenciadas. Esse método consiste em uma análise dirigida à existência, utilizando o que é vivido concretamente para alcançar o sentido (Frankl, 1987/2012 apud LIMA, 2018).

Frankl ampliou essa análise dentro dos campos de concentração durante o genocídio nazista da Segunda Guerra Mundial. Sobrevivente do holocausto, ele experienciou o

sofrimento daquela circunstância e observou como os demais também lidavam com aquele momento. Assim, percebeu que havia posicionamentos diferentes. Algumas pessoas com o tempo se debilitavam mais que as outras e eram tomadas pela depressão tornando-se suscetíveis a outras doenças, outras se viam já sem esperança alguma e jogavam-se nas cercas elétricas que rodeavam os campos, mas existiam outras pessoas cuja posição era de resistência em meio aquele momento de terror. Esse posicionamento ocorria, pois a pessoa tinha um propósito em mente, e direcionava-se a ele: alguém para amar ou uma obra para realizar. Todas as pessoas possuíam a mesma liberdade dentro daquele contexto, mas algumas vislumbravam um sentido que as permitia continuar a viver. Assim, Frankl percebeu que a experiência humana consiste em atuar além de si mesma, direcionando-se a algo ou a alguém (Frankl, 1989a, p. 45 apud COELHO, 2001).

Frankl não encontrava na teoria de seus antecessores, Sigmund Freud e Alfred Adler, uma explicação suficiente para a vida humana: o fator homeostático proporcionando a redução de tensões e a restauração do equilíbrio interno para assim gratificar os instintos (PEREIRA, 2007). Para ele o homem é movido pela constante vontade em dar um significado em sua vida. A Logoterapia, teoria criada por Frankl a partir de suas concepções de mundo e homem, compreende a dinâmica entre o homem e sua vida através da busca pela vontade de sentido. Este seria um interesse primário no sujeito. O homem encontra significado respondendo aos momentos que a vida lhe proporciona e dessa forma vai de encontro ao sentido. Quem não consegue enxergar sentido em sua vida dificilmente adequa-se a ela. É necessário que o indivíduo saiba orientar a própria vida. Assim, ter vontade de sentido também é um mecanismo de sobrevivência. O ser humano deve direcionar-se a um outro ou a uma causa para realizar-se através de uma descoberta pessoal (PEREIRA, 2007).

Frankl (1946/1989) afirma que o princípio da existência são as relações, ou seja, o ser está imerso em um compartilhamento, está existindo diante de um outro. É nessa relação que o ser se diferencia, ganha destaque e singularidade. Sendo uma relação, um "Eu" e um "Tu" se afetam reciprocamente. Nesse intercâmbio o mundo apresenta-se interagindo com o sujeito e não existindo de forma isolada (apud Buber, 1923/2010 apud LIMA, 2013). A esse fenômeno dar-se o nome de autotranscedência que consiste na essência da existência humana posicionando o homem a algo que não seja ele mesmo. Ele só se torna completo quando esquece de si mesmo e age em prol de uma tarefa, uma causa ou uma pessoa (FRANKL, 1991 apud PEREIRA, 2007).

Frankl entendeu que a ação primária do homem é a busca por esse sentido, que só é alcançado indo além de si e agindo no mundo (PEREIRA, 2007). Dessa forma, o sentido é

uma possibilidade que só acontece ao se concretizar em ação. Ou seja, o indivíduo deve agir e dinamizar aquela chance. As possibilidades de sentidos são únicas no momento, caso não sejam realizadas, não se concretizam e ficam para trás. Porém, as vivências estão sempre repletas de oportunidades de realização de sentido (FRANKL, 1978).

O ser humano pode ir de encontro com o sentido pela realização de valores que podem ocorrer durante o percurso de vida do indivíduo através de três tipos de experiência: ao criar algo, ao ter uma experiência no mundo e ao ser posicionar diante algo ou alguém. Essas vivências são formas de responder a vida (PAJERA HERRERA, 2007).

Os valores de criação são manifestados quando o indivíduo age através do fazer e do oferecer e com isso atuando na transformação do mundo através de suas criações. Esse desempenho pode ser realizado através da via do trabalho, quando esta atividade desperta no ser a consciência de sua unicidade e com isso o poder de ação ao relacionar-se com o outro e com a comunidade. Assim, a pessoa foca mais em como exerce sua profissão do que na profissão em si. Nessa via, o sujeito descobre como pode tocar os outros e os demais contextos de sua vida através de sua humanidade. Assim, esse valor possibilita o encontro com o sentido através do trabalho quando este oferece algo ao mundo. A individualidade deve estar sempre voltada para a comunidade, transcendendo a si mesmo (PAJERA HERRERA, 2007).

Valores de experiência mostram que o indivíduo além de dar algo de si para o mundo, também está apto a receber o que os outros tem a lhe ofertar. Através da sensibilização com o que o cerca a pessoa pode ir de encontro com o sentido. Essa experiência envolve o sentimento de gratidão e contemplação pelas coisas às quais se vivência podendo ser um contato com a natureza, apreciação de uma música ou obra de arte. Esse caminho torna-se mais intenso quando ocorre no contato com outro ser humano e através da consciência de sua unicidade utiliza recursos que o permitem extrair o melhor de si. É uma experiência que transcende o ser humano. O amor é um caminho para o encontro com o sentindo através dos valores experienciais pois possibilita no contato com um outro ser humano abrir-se completamente para interiorizar o que existe de melhor no outro (PAJERA HERRERA, 2007).

Em um contexto, quando não existe possibilidade de realização de sentido com os valores criacionais e os valores experienciais só resta ao ser humano se posicionar e confrontar a situação a qual se encontra, direcionando-se a algo ou a alguém. O ser humano deve tomar uma atitude na sua trajetória de vida e essa ação é denominada de valores de atitude. Esse valor se realiza diante o que Frankl irá chamar de tríade trágica: o sofrimento e a

dor, a culpa e a morte. Nesse conceito de Frankl para a tríade trágica pode-se também tem uma compreensão do que Karl Jaspers definiu como a postura humana diante de situações limite. Frankl afirma que as situações limites ou trágicas não devem ser vivenciadas de forma pessimista pois são totalmente passíveis de serem encaradas de maneira realista e positiva. Para isso somos dotados de uma atitude que é livre e responsável, podendo transformar em engrandecimento e êxito qualquer condição humana. Algo que poderia ser fatal para alguém pode ser modificado pela simples postura dessa mesma pessoa. Poder agir em situações limite é uma dádiva da condição humana (PAJERA HERRERA, 2007).

A capacidade de desvelar tais sentidos no decorrer da vida ocorrem uma vez que, na perspectiva de Frankl, o ser humano é dotado de uma dimensão espiritual. A ontologia dimensional seria tripartite, consistindo em uma instância somática, psíquica e noológica. A dimensão somática abrange a visão biológica do homem e assim aborda suas questões físicas. A dimensão psíquica é aquela que possui os comportamentos psicológicos, pulsões, funcionamento psicodinâmico, etc. Essas duas componentes representam o funcionamento determinista do ser humano. A dimensão noética ou espiritual é a aquela que se encontra repleta de sentidos e valores, possibilitando essas realizações através da liberdade e responsabilidade (LIMA, 2013). O nível biológico se caracteriza por conter a essência da vida que está presente em plantas, animais e seres humanos. O sentimento é algo que é característico da dimensão psicológica, estando presente tanto em homens como em animais. A instância superior, a dimensão espiritual ou noética traz em si a essência de algo que é apenas exclusivo do ser humano: o querer (ORTIZ, 2013).

A perspectiva ontológica-dimensional proporciona a singularidade de cada instância e forma com a correlação desses conceitos a sua verdadeira lógica. No homem, essas instâncias constituem três dimensões particulares, porém inseparáveis. Para Frankl o homem é "uma unidade apesar da variedade". Assim, deve-se entender que essas instâncias tem suas próprias características, mas essa especificidade faz parte de um todo cujo funcionamento só é possível graças à sintonia dos três patamares juntos, possibilitando a existência humana. O homem não pode ser dividido em partes, ele consiste em um todo (ORTIZ, 2013). A dimensão espiritual é a dimensão essencialmente humana, mas é o conjunto tripartite biopsicoespiritual que torna o ser completo (FRANKL, 2005).

As dimensões da visão antropológica de homem da logoterapia são classificadas em superior e inferior. São termos que não são usados de forma avaliativa, mas sim no intuito de mostrar a abrangência desses patamares. Quanto mais superior é a dimensão, mais abrangente ela se torna. Sendo a dimensão noética a mais superior dentre as que compõe a ontologia

dimensional, transcende também tudo o que está inserido na natureza biopsíquica: disfunções orgânicas, malformações de órgãos, conflitos psicológicos. Segundo Bazzi e Fizzotti (1989) Frankl denomina essa dimensão como capaz de se impor perante a facticidade psicofísica (apud ORTIZ, 2013).

A facticidade psicofísica refere-se aos fatos decorrentes das estruturas psíquicas e fisiológicas (FRANKL, 2005) que se entrelaçam na formação de um determinado fenômeno. Para a dimensão espiritual ela atua de forma expressiva e instrumental, por vezes impedindo a verdadeira expressão do ser espiritual (apud GUBERMAN e PEREZ SOLTO, 2005).

A forma como o organismo psicofísico se manifesta limita a pessoa espiritual, inibindo o seu desenvolvimento. Por exemplo, um músico pode fazer belas canções, mas pode não conseguir colocá-las em prática por utilizar um instrumento desafinado ou se não possuir um. Um processo patológico ocasiona sofrimento ao ser humano pois impede a verdadeira forma de expressão do ser, que poderia ser fornecida por um funcionamento biológico ausente de disfunções (ORTIZ, 2013).

Jaspers define o ser humano como aquele ser que decide. Heidegger e Biswanger o definem como um ser que "estar aqui". Na perspectiva analítico-existencial esse é um ser responsável. Ambas as definições caracterizam o ser existencial. O sujeito passa a ser ele mesmo quando porta-se como ser responsável. O homem deve exercer sua responsabilidade de forma livre, podendo posicionar-se diante a faticidade psicofísica que o acomete e muitas vezes parece ser seu destino. Na logoterapia compreende-se como destino o conjunto de vivências a qual o indivíduo inevitavelmente terá com o decorrer de sua vida. Ele pode ocorrer através de diferentes naturezas, sendo o destino biológico o conjunto de disposições somáticas e os destino sociológico ou psicológico os fatores psicossociais (ORTIZ, 2013). A responsabilidade que provém da dimensão espiritual não possui caráter moralista. Ela representa capacidade de resposta do ser que atua com sua liberdade diante desses fatos. Assim, a existência espiritual tem um ser humano consciente de sua responsabilidade (Frankl, 1989 apud COELHO, 2001).

Através de Scheler, Frankl introduz o significado de espírito em sua teoria. Com as outras instâncias, seres humanos e animais compartilham aspectos semelhantes como aqueles que condicionam o ser, mas a dimensão espiritual caracteriza a essência puramente humana. O espírito é ação, é momento presente, é vislumbrar uma possibilidade e torná-la realidade. (Scheler, 1928/2003; Buber, 1923/2010 apud LIMA, 2018). Frankl afirma que essa dimensão configura a possibilidade de posicionamento perante uma situação e modificação da mesma caso seja necessário. É algo que está sempre a mercê do tempo, pois as oportunidades

encontram-se nos momentos que são vivenciadas (Frankl, 1978/2005 apud LIMA, 2013) Assim, essa dimensão caracteriza a fuga do caráter determinante e enfatiza o poder de decisão orientado pela espiritualidade que o homem possui (Scheler, 1928/2003 apud LIMA, 2013).

A dimensão somática é via de expressão do psíquico e do espiritual. O noético em si é determinado por esse corpóreo, mas não completamente. Apenas ocorre uma delimitação da atuação da liberdade desse sujeito. Ou seja, a pessoa sempre pode se posicionar diante dos acometimentos em seu psicofísico. De fato o ser humano limita-se por seu biológico, mas dentro dessa limitação ele pode agir em plena liberdade. O espírito possui poder de resistência, basta que o ser humano se prontifique a utilizá-lo. A pessoa espiritual utiliza o organismo psicofísico como meio para expressar-se e assim mostrar-se para o mundo (ORTIZ, 2013). A liberdade não está nas condições biológicas, psicológicas ou sociais em si, mas, no fato de, ao vivenciá-los, poder posicionar-se e agir como homem que decide (COELHO, 2011).

Assim, apesar de todos os condicionantes que o cercam e o limitam de certa forma, o homem é essencialmente um ser livre e esse fato caracteriza o que Frankl determina como "liberdade da vontade". Sem a facticidade psicofísica não seria necessária a liberdade espiritual, que posiciona o homem como uma pessoa que age, uma pessoa criativa. A liberdade traz a possibilidade de agir como responsável pela sua própria existência, podendo se opor ao direcionamento que a vida a princípio lhe impõe (ORTIZ, 2013).

4) O PROBLEMA SENSORIAL DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ÓTICA DA LOGOTERAPIA

Mesmo datando de 1974, a teoria de Carl Delacato traz uma perspectiva para o autismo que se perpetua até os dias de hoje: a desse transtorno possuir déficits sensoriais. Ele deu um dos passos iniciais nesse caminho e compreendeu o autismo como um transtorno sensorial.

O instrumento de Delacato era sua observação e o relato dos pais. A partir disso ele achava ser possível entender quais vias da pessoa autista eram disfuncionais e a partir disso elaborou três classificações: hipo, hiper ou ruído branco. Compreendendo o tipo de dificuldade que uma pessoa possuía era possível traçar um plano de tratamento que se adaptava-se as necessidades deles. Quando a via sensorial se normalizava o comportamento autista cessava e possibilitava uma compreensão real do mundo. O indivíduo tornava-se apto a interagir com o mundo que o cercava (DELACATO, 1974).

Pessoas hiperreativas e hiporeativas já estavam em suas classificações. Às pessoas com sistema sensorial classificado como hiper foi atribuído uma anormalidade na apreensão nos estímulos que lhe proporcionavam uma experiência muito intensa no mundo. No comportamento dessas pessoas podia-se observar pessoas que cobriam as orelhas até com barulhos leves, rejeitavam certas comidas, ficavam chateadas com cheiros suaves e pareciam sentir dor até com os toques mais superficiais. O mundo era repleto de estímulos excessivos incômodos e dolorosos, que dificultavam a vida dessas pessoas. Já as pessoas hipo-sensoriais tinham pouca apreensão dos estímulos que vivenciavam. Pouca informação chegava até seus sistemas cerebrais e para que essa situação se amenizasse era necessário se expor a maiores estímulos. Assim sentiam-se atraídas por odores fortes devido ao olfato pouco aguçado e comiam indiscriminadamente. Salas com ecos, objetos brilhantes e barulhentos eram adorados. Sorriam quando eram expostos à dor. A terceira classificação, chamada de ruído branco, diz que o sujeito tem uma constante interferência na sua percepção sensorial. O nome refere-se ao de sistema rádio que quando ligado, mesmo sem estar sintonizada em nenhuma estação, ouve-se um barulho característico no meio do nada. Quem manifesta essa disfunção sensorial no sistema gustativo, por exemplo, tem em sua boca um tipo de gosto sempre presente. Na pele as pessoas tem a impressão que sempre tem algo as tocando. Na audição ela pode se manifestar com a capacidade de ouvir os próprios órgãos internos, como o coração (DELACATO, 1974).

Essas classificações foram criadas para explicar a causa principal do comportamento autista: lesão cerebral. O comportamento repetitivo seria reflexo dessa causa e teriam como objetivo normalizar as vias sensoriais disfuncionais, ou seja, a pessoa autista atua de modo a querer tratar a si própria e a sobreviver no mundo (DELACATO, 1974).

No contexto de Delacato a relação do indivíduo autista com o mundo parece ser sempre de adaptação, pois esse sujeito não consegue ter apreensão correta do mundo através de suas vias sensoriais. Esse espaço está equipado apenas para que pessoas neurotípicas, cujo sistema sensorial funciona de forma habitual, o compreendam. Podemos ter um pouco dessa percepção quando pensamos na questão da adaptação de um contexto para acessibilidade. Se um ambiente precisa ser adaptado é porque ele inicialmente foi projetado para pessoas sem nenhuma deficiência ou transtorno. Quando tratamos de uma disfunção sensorial pode-se haver também adaptações, mas, devido à falta de discussão sobre esse tema como a própria Temple Grandin (2013) relata, isso ocorre de maneira muito restrita. Ou seja, estamos falando de pessoas cujos lugares, sons e cheiros não se encaixam corretamente em sua vida devido a

um fator: a disfunção sensorial. E o que fazer quando isso ocorre? O que fazer quando o mundo parece não estar preparado para ter alguém com problemas sensoriais?

Viktor Frankl trouxe sua visão de homem com a ontologia dimensional que consiste em compreender a unidade do ser homem formada por três instâncias: a somática, psíquica e espiritual. A dimensão espiritual ou noética é aquela originalmente humana que caracteriza a essência do nosso ser (PEREIRA, 2015). Frankl fala que os homens estão suscetíveis ao destino, que compreende o inexorável conjunto de fatos que envolvem a questão somática, psíquica e social que o homem não pode libertar-se (ORTIZ, 2013). O homem não está imune a situações sociais, e condições que afligem o seu psíquico e somático. No caso da pessoa autista, ela não pode fugir dessa condição. Não pode simplesmente escolher não ser autista.

A dimensão espiritual é a dimensão essencialmente humana, que se diferencia das demais por permitir que o ser humano se posicione como ser ativo e aja em seu meio com liberdade podendo ir de encontro ao sentido. O ser está repleto de liberdade. O antagonismo psiconoético consiste na capacidade de oposição da dimensão espiritual nas questões somatopsíquicas e sociais que acometem o homem (PEREIRA, 2015). Então, ainda que haja condições que se desenvolvam no próprio organismo existe a possibilidade de posicionar-se perante ele. Essa é a liberdade concedida ao ser humano.

Com o relato de Delacato (1974) podemos conhecer uma teoria que mostra uma perspectiva sensorial para o Transtorno do Espectro Autista e com isso compreender o posicionamento dessa pessoa. No livro *The Ultimate Stranger- The Austitic Child*, Delacato (1974) narra alguns dos casos de crianças autistas identificadas com problemas sensoriais que realizaram tratamentos baseadas em seus estudos:

4.1) CASO BOBBY POR CARL DELACATO

Bobby era um menino de seis anos que costumava comportar-se movimentando a mão bem na frente de seu rosto, como se estivesse se abanando, enquanto fazia observações do lugar que estivesse no momento. Delacato fumava um cigarro durante o encontro com o menino e percebeu que isso lhe despertou um comportamento de atenção e observação da fumaça. Delacato ficou intrigado com o comportamento do menino e, na tentativa de estabelecer contato, aproximou-se um pouco mais com o seu cigarro, soprando a fumaça e a direcionando a Bobby. Nesse momento houve um encontro de olhares sucedido de uma regurgitação do rapaz. Bobby havia vomitado no tapete. Após ter contato com o garoto e presenciar esse momento Carl analisou o comportamento de Bobby na tentativa de

compreender essa constante observação com o olhar enquanto balançava sua mão na frente do rosto. Assim, elaborou a hipótese desse comportamento ter como intuito mover o ar em sua direção para monitorá-lo. Carl conclui que o comportamento de Bobby está de fato relacionado à sua percepção dos odores. O vômito foi ocasionado pelo contato próximo com o odor de cigarro expelido pela sua respiração. Essa percepção afetaria o contato social do garoto com as pessoas, pois elas poderiam expelir odores mínimos mas intensamente reconhecidos por Bobby devido a sua hiperolfatividade. O tratamento de Bobby por Delacato foi realizado expondo-o de forma lenta e progressiva aos diversos odores que o rodeavam. Com seis meses de tratamento foi exposto a odores mais intensos (DELACATO, 1974).

Nesse caso podemos conhecer Bobby, que contribuiu para o começo dos estudos na compreensão dos problemas sensoriais presentes no TEA. Na descrição do relato temos a percepção de Carl Delacato acerca do comportamento do garoto. Nessa concepção podemos perceber uma criança de seis anos já se posicionando ativamente no mundo que a cercava. Essa altivez acontece a partir do momento que Bobby balança sua mão na frente do rosto com o objetivo de monitorar os odores do ambiente. Sendo ele uma pessoa com problema sensorial olfativo, esse comportamento auxilia a inseri-lo em um mundo tão repleto de odores. Bobby é uma criança de seis anos com autismo, que possui uma disfunção sensorial olfativa e age por si próprio e com seu próprio corpo na tentativa de regular essa anormalidade.

O posicionamento de Bobby pode ter vindo de sua vontade de permanecer no mundo? De encontrar uma maneira para poder vivenciar os momentos? Talvez sim. Ele encontra sentido em seu comportamento pois este possibilita o seu bem estar e sua inserção no meio. Assim, atua com a liberdade de seu ser espiritual através de um valor de atitude. O valor de atitude acontece quando nenhum outro valor pode ser realizado no caminho de encontro ao sentido. Esse valor acontece quando o indivíduo se vê cercado por uma limitação de natureza psicológica, biológica ou social e, não podendo exercer valores experienciais e criacionais, posiciona-se diante a situação como agente ativo de sua vida, pois, o seu posicionamento é o único recurso para a situação (PAJERA HERRERA, 2007).

4.2) O PROCESSAMENTO SENSORIAL NA PERSPECTIVA DA PESSOA COM TEA

Com o decorrer dos anos os estudos sobre autismo se ampliaram e pudermos ter acesso a relatos mais reais desse transtorno. Pessoas como Temple Grandin, Donna William e Carly Fleischmann são autistas que narram suas experiências e percepções sobre o mundo e assim podemos conhecer de maneira mais verdadeira o universo autista.

Donna William é uma mulher autista, autora de diversas obras a qual fala sua percepção sensorial do mundo. Ela relata sobre como a velocidade percebida em suas vivências a afeta, impedindo-a de prepara-se previamente para parte desses momentos. Para aliviar o estresse, Donna desenvolveu um método para transformar sua percepção de um mundo veloz em uma experiência mais aceitável: piscar rapidamente os olhos, transformando as imagens que captava com sua visão em quadros como nos filmes antigos, e acender e apagar a luz. Sobre essa questão, Temple cita J.G.T. van Delen, um autista de funcionamento moderado que fala que, sob olhos normais, o indivíduo autista percorre a vida de modo vagaroso (GRANDIN e PANEK, 2013).

Donna relata um problema sensorial visual. Não consegue acompanhar visualmente o ritmo de funcionamento do mundo, ocasionando uma exaustão mental. Como resolver um problema desse tipo? Existiria alguma interferência que pudesse ser feita de modo a fazer uma adaptação a condição de Donna? A disfunção de Donna é muito ampla, pois mesmo se referindo a apenas uma via sensorial ele engloba a percepção da velocidade do mundo. Ela acabou por desenvolver o seu próprio método para conviver com a sua condição: abrir e fechar os olhos. Como ser espiritual dotado de intencionalidade, Donna se posicionou diante sua condição e utilizou seu comportamento como recurso adaptativo a sua percepção de mundo. A condição de Donna é algo biologicamente irreversível e, caso não seja tomada alguma providência será um grande desencadeador de estresse. Como ser espiritual Donna resolve agir em relação a sua facticidade psicofísica e o comportamento que ela exterioriza revela sua autoconsciência e capacidade de autoconfigurar-se, pois age com sua liberdade para adaptar-se ao meio através de sua dimensão corpórea.

Ao pensar em Carly, Temple afirma que mesmo aquele sujeito autista de baixo funcionamento se encontra em uma intensa ligação com o mundo, apenas é refém de uma condição que lhe causa uma percepção sensorial confusa e, devido a isso, mostra-se ao mundo da maneira como o experimenta (GRANDIN e PANEK, 2013).

A dimensão psíquica é dotada de uma consciência cognitiva e a partir dela desenvolvemos as sensações, os impulsos, desejos e mostramos padrões comportamentais adquiridos (Lukas, 1989, p.28 apud PEREIRA, 2015). É através desse polo que o mundo em que se vive é percebido e reconstruído interiormente. A partir do que se é, e da constituição corpórea do indivíduo ele apreende o que está ao seu redor e interiormente significa essas vivências. O psíquico é o primeiro passo para a interioridade do ser. Apesar de importante e significativo o corpóreo e o psíquico não constituem a totalidade do ser (PEREIRA, 2015).

Em um dos capítulos do livro escrito com seu pai, Carly possibilita ao leitor a ter um pouco de sua experiência sensorial narrando como se sentia em uma cafeteria (GRANDIN e PANEK, 2013).

> Para mim, trata-se de algo totalmente diferente. A mulher que passa pela nossa mesa deixa um odor de perfume fortíssimo e o meu foco muda. Então, por cima do meu ombro esquerdo escuto a conversa da mesa de trás. O lado áspero da abotoadura da minha manga esquerda roça no meu corpo para cima e para baixo. Isto começa a chamar minha atenção, enquanto o sussurro e o chiado da cafeteira se misturam aos outros sons à minha volta. O visual da porta abrindo e fechando na frente da loja me consome por completo. Perdi o fio da conversa e não escutei quase nada que a pessoa à minha frente falou... Percebo que escuto apenas o mundo estranho (GRANDIN e PANEK, 2013, p. 89).

Na descrição de Carly em sua experiência na cafeteria podemos ter uma ampla noção da perspectiva sensorial de uma autista de alto grau. É nítido como o contexto parece confuso. Algo que parece ser tão simples para pessoas neurotípicas, pode ser um desafio para a pessoa autista. Podemos ver como um ser espiritual pode encontrar-se camuflado pela facticidade psicofísica. Carly acaba sentindo e expressando-se com o funcionamento do transtorno autista que lhe foi dado. Dizer que essa condição lhe foi dada mostra que ela não consiste na totalidade do ser, pois, segundo Frankl a facticidade psicofísica é o que o homem tem e a dimensão espiritual abarca o que ele verdadeiramente é (GUBERMAN; PEREZ SOTO, 2005).

Como ser espiritual Carly posiciona diante sua conformação psíquica e biológica e assim responde à vida com a liberdade que possui. Como já discutido anteriormente, não se trata de uma liberdade que escolhe entre ter ou não ter uma condição psicofísica, mas uma liberdade que possibilita o ser humano agir diante dela.

Nesse contexto ela relata ter dois possíveis comportamentos: um ataque de raiva ou fechar-se. Temple ressalta como os dois comportamentos de Carly diante o mesmo fato podem ser passíveis de diversas interpretações. Dois comportamentos diferentes foram ocasionados por um mesmo problema: informações excessivas, ou seja, sobrecarga sensorial (GRANDIN e PANEK, 2013). Comportamentos distintos possuem a mesma função: responder a uma confusa percepção de mundo. Carly parece escolher o que naquele momento parece ser mais apropriado para si diante os inúmeros estímulos que não consegue processar corretamente. O funcionamento anormal do organismo psicofísico provoca sofrimento ao ser espiritual pois coloca uma barreira para sua real expressão (ORTIZ, 2013). Carly Fleischmann mostra sua liberdade espiritual com as atitudes que promovem o seu bem estar e que se expressam em seu comportamento na dimensão somática.

Ao comparar-se com os irmãos Carly percebia que as diferenças também estavam em como vivenciavam as experiências. Ela se impressionava ao ver como a irmã conseguia passar horas em frente a uma televisão, ou pentear o cabelo sem sentir-se incomodada. Assistir televisão durante muito tempo lhe ocasionaria sobrecarga de informações e escovar os cabelos lhe causava uma sensação desagradável, como se estivessem arrancando-os fio a fio. Na experiência gustativa e olfativa também parecia ter percepções diferentes da de seus irmãos, pois o cheiro e sabor de alimentos que não os incomodavam para ela eram um grande problema. Sentir-se tocada por outra pessoa, como receber abraço, lhe causava uma extrema sensação de desconforto e mal estar que a impediam de querer ter essa vivência. Desde criança tinha dificuldade em compreender o que as outras pessoas falavam. Em uma frase acabava por entender apenas uma ou duas palavras. Carly começou a perceber que parecia receber as informações de forma diferente de outras crianças e hoje tem a percepção que essa dificuldade foi ocasionada pelo seu cérebro (FLEISCHMANN e FLEISCHMANN, 2012). Sabendo que o cérebro é o responsável por todas essas percepções vemos como o ser humano pode tornar-se prisioneiro de seu próprio corpo. Frankl (2005) foi prisioneiro em um campo de concentração nazista. Estamos falando de situações extremamente diferentes: a experiência em campos de concentração no holocausto e a percepção sensorial de uma pessoa autista. O que essas circunstâncias podem ter em comum? Estamos compreendo duas vidas delimitadas por uma situação. Mas como já foi explanado, elas apenas delimitam a atuação da liberdade de uma pessoa, mas não a extinguem (ORTIZ, 2013). Ou seja, mesmo diante dessa limitação corporal Carly ainda pode agir e decidir-se com os recursos a qual dispõe.

Carly diz que o organismo humano pode ser exposto a mais de cem sons por minuto e todos esses estímulos de uma só vez são difíceis de serem processados por pessoas autistas. A filtragem de aúdio seria um processo de auxílio para lidar com o som e compreender o que as pessoas dizem. Comportamentos que comumente ocorrem em pessoas autistas sem um motivo aparentemente concreto como choros e gritos podem não parecer ter um motivo real para ocorrer porque na verdade são os métodos de filtros de áudio. Esse processo também pode envolver a compreensão de odores, toques e imagens (FLEISCHMANN e FLEISCHMANN, 2012).

> A melhor maneira de explicar a filtragem de áudio é trazê-lo de volta para a cafeteria. Imagine ter um controle remoto de DVD programado em seu cérebro e, quando a conversa começar, você poderá fazer uma pausa, desacelerá-lo, retroceder ou pular as coisas. Agora, só porque você pode fazer todas essas coisas, não significa que você entende a conversa. Agora você tem que ser capaz de escolher e entender tudo o que está acontecendo

> ao seu redor, incluindo outras conversas, antes de começar a entender o seu" (FLEISCHMANN e FLEISCHMANN, 2012, p.363).

Para uma pessoa neurotípica esse método pode parecer complexo. Mas estar inserido no mundo e ser exposto a tantos estímulos é bem mais complexo para a pessoa autista. Com a filtragem de áudio pode-se reconhecer mais um método de adaptação do indivíduo com TEA ao meio em que se vive. Podemos ver a atuação da liberdade espiritual de uma pessoa cujo psicofísico encontra-se em confronto com o ambiente. Carly é uma autista com vários acometimentos devido ao autismo, portanto classificada em um grau severo (FLEISCHMANN e FLEISCHMANN, 2012). Como já foi dito, a facticidade psicofísica limita o grau de atuação de liberdade (ORTIZ, 2015). Como o organismo de Carly encontra-se acometido severamente pelas disfunções ocasionadas pelo TEA, pode-se ver uma liberdade de fato bastante restrita, mas que não deixa de ser presente.

O ser espiritual é repleto de capacidade de distanciamento de qualquer condição que possua, seja a origem biológica ou psíquica, podendo agir com liberdade posicionando-se em relação a esse fato. Assim, o homem é lúcido e autoconsciente para confrontar qualquer condicionamento (PEREIRA, 2015). Husserl (1985) define a consciência como um conjunto de ações que envolvem a percepção, imaginação, capacidade de escolha, paixão, etc, direcionados a alguma coisa. Assim, a consciência é totalmente dotada de intencionalidade (apud MOREIRA, 2010).

Certa vez Carly se vê questionada sobre uma criança autista que fazia barulhos e emitia frases repetitivas que parecia ter aprendido assistindo televisão. A pessoa a questiona o que ocasionaria tal comportamento. Carly explica que isso pode ser o método de filtragem de áudio e que algo que está acontecendo na rotina pode ser o gatilho para desencadear esse comportamento. O comportamento questionado é o método sendo colocado em ação para filtragem e compreensão do significado. A repetição auxilia na filtragem do significado (FLEISCHMANN e FLEISCHMANN, 2012).

Carly explica como funciona o seu processamento visual e o de muitas outras pessoas autistas. A sua visão captura imagens através de fotos. Um olhar muita vezes captura centenas de imagens do mesmo momento e à medida que Carly vai utilizando sua visão mais fotos vão sendo tiradas. (FLEISCHMANN e FLEISCHMANN, 2012)

Em um determinado momento esse excesso de imagens impede o processamento de outras. O comportamento característico do autismo de um olhar vago ou de direcionar-se a um lado oposto da fala de uma pessoa é reflexo desse processo sensorial que torna-se excessivo a ponto de causar um mal estar. Quando questionada se crianças com autismo que não olhavam

nos olhos das pessoas deveriam ser estimuladas a olhar Carly responde que não, elas não devem ser estimuladas pois o seu processamento visual é diferente dos outros (FLEISCHMANN e FLEISCHMANN, 2012).

> A maneira que eu entendo é que minha mente funciona de forma diferente do que a maioria das pessoas. Quando vejo algo, tiro uma foto e fica na minha cabeça. É por isso que tenho dificuldade em olhar o rosto das pessoas. Quando olho para alguém, tomo mais de mil imagens do rosto daquela pessoa em menos de um minuto. Agora pense no meu cérebro como uma câmera digital. Quanto mais eu olho para o rosto de alguém, mais fotos eu tiro. Porque eu tiro tantas fotos, meu cérebro ou, como no meu exemplo, a câmera fica cheia. Eu não sou mais capaz de processar as imagens e sou forçada a me afastar (FLEISCHMANN e FLEISCHMANN, 2012, p.365).

Compreendendo o funcionamento biológico do corpo de Carly a partir de sua via sensorial visual podemos ver o impacto dessa facticidade psicofísica para o ser espiritual. O modo como ela processa as imagens é atípico, lhe causando uma sobrecarga de informações e consequentemente algum tipo de mal-estar. A visão é uma via sensorial que constantemente recebe informações, pois normalmente, do acordar ao anoitecer, abrimos os olhos para que sejamos guiados pelo que enxergamos. Se a visão de Carly funciona da forma como ela relatou, ela está constantemente suscetível a uma intensa sobrecarga de informações que dificultam sua passagem pela vida.

Vemos aí uma facticidade ocasionada pelo paralelismo psicofísico que influenciam na captação de informação e percepção do meio. Tal condição faz apenas parte do ser de Carly, mas não resume sua totalidade. Sendo ser espiritual que, na visão ontológica tripartite da logoterapia, junta-se as demais dimensões formando a totalidade humana (PEREIRA, 2015), ela também está apta a atuar com o antagonismo noopsíquico que dota o homem de capacidade de opor-se aos condicionamentos somatopsíquicos e sociais. Essa possibilidade é ofertada pelo carácter espiritual do ser que possibilita a liberdade e tomada de decisão (GUBERMAN e PÉREZ SOLTO, 2005).

A evitação do contato visual é um dos principais itens dos critérios diagnóstico autista. No relato de Carly esse comportamento parece ocorrer para que haja uma adaptação do corpóreo ao meio externo. Ela e tantas outras pessoas atuam com a liberdade de seu ser espiritual para posicionar-se frente a essa facticidade elaborando um método que as possibilite conviver com esse diferencial e assim poder estar no mundo sem o sofrimento causado por essa disfunção sensorial.

Temple conheceu Tito Rajarshi Mukhopadhayay, autor do livro How I Can I Talk if my lips Don't move? Insid The Autistic Mind [Como posso falar se meus lábios não se movem? Por dentro da minha mente autista], pessoa autista que não verbalizava, aprendendo

a se comunicar através da escrita. Tito não se enxergava como um todo, um corpo completo. Ele tinha noção de seus membros como peças, que compunham esse corpo. Girar em círculos o auxiliava a unir essas partes em um todo. Ao entrar em um ambiente novo Tito girava por todos os cantos desse espaço (GRANDIN e PANEK, 2013).

Percebe-se que o comportamento de Tito descrito por Temple como uma de suas características como pessoa com TEA é um recurso que objetiva lidar com sua diferente percepção acerca de seu corpo. Tito percebe a si mesmo em partes separadas e só quando está girando ele consegue entender seu corpo de maneira mais próxima a como realmente o é. Sendo essa uma posição ativa em relação a sua condição somatopsíquica, situação que por si só não é passível de ser modificada, podemos ver a expressão de um ser espiritual que age querendo compreender-se. Através de sua liberdade ele dá novo significado a sua apreensão de corpo: um todo. Através de sua atitude, que mostra seu posicionamento como ser espiritual ativo no mundo, ele se autodetermina por alguns momentos enquanto gira, em renunciando a habitual percepção de si. A logoterapia compreende a autodeterminação como a liberdade para modificar a si e ser de uma outra forma (GUBERMAN; PEREZ SOLTO, 2005). Sozinho nada mais poderia ser feito para que sua distorção sensorial fosse modificada a não ser sua disposição em tentar mudar-se. Podemos ver um valor de atitude sendo exercido.

4.3) O PORTADOR DE TEA COMO PESSOA ESPIRITUAL

Segundo os estudos que tem se delineado até o momento presente, a pessoa autista possui uma estrutura cerebral diferente de pessoas neurotípicas (GRANDIN; PANEK, 2013). Quando um problema sensorial se instala no indivíduo podemos ver um psicofísico acometido por uma patologia que distorce a informação apreendida pelas nossas vias sensoriais. Visão, olfato, audição, tato e paladar internalizam o estímulo recebido da forma diferente do que realmente é (GRANDIN e PANEK, 2013). Essa interpretação pode muitas vezes ser dolorosa e angustiante como mostram os relatos de Temple Grandin e Carly Fleischmann.

Assim, tem-se uma dimensão corpórea acometida por um transtorno que constitui o ser que se mostra no mundo. O ser espiritual se insere no mundo através do seu corpóreo e devido à condição da pessoa ele tem sua liberdade de atuação limitada por sua questão orgânica. A liberdade da pessoa pode ser limitada por questões biológicas ou externas, mas essa limitação não extingue e nem impede a capacidade do sujeito de posicionar-se como ser espiritual livre (ORTIZ, 2013).

Já em 1974, com Carl Delacato, podemos ver a perspectiva sensorial para a pessoa autista. Ou seja, tem-se a questão orgânica pautada nessa teoria. O que a pessoa externalizava em seu comportamento parecia ser uma maneira de compensar ou lidar com o excesso ou a falta de estímulos (DELACATO, 1974).

Assim como Carl Delacato (1974), Carly (2012) e Temple (2013) apontaram a questão do comportamento da pessoa autista como questão relevante em seus estudos. Esse comportamento, que muitas vezes pode ser diferente e incompreensível, pode provir de sua realidade sensorial distorcida. Ele se manifesta como uma reação ao seu modo de captação de estímulos. Assim como as observações descritas por Delacato (1974), tais reações objetivam saber lidar com sua maneira de processar informações. A pessoa tenta adaptar-se as circunstâncias externas de seu meio através de comportamentos que possibilitem apreender os estímulos que ocorrem de maneira distorcida. Essa adaptação, não trata de uma relação passiva entre o organismo e o meio objetivando um cessar das tensões. Para a logoterapia a adaptação visa levar ao homem a consciência de sua responsabilidade possibilitando sua autonomia para a realização de valores (GUBERMAN; PEREZ SOLTO, 2005). Assim, esse ser ativo busca compreender o meio que o cerca, cessar ou amenizar sofrimento e internalizar as informações sensoriais de forma mais coerente com a realidade.

O problema sensorial consiste em uma facticidade psicofísica, ou seja, é uma condição que tramita entre a dimensões físicas e psíquicas, e por vezes pode camuflar a verdadeira essência do ser espiritual. Consiste em algo que é dado ao ser pois não define sua totalidade como pessoa. No caso Bobby e nos relatos de Temple e Carly pode-se perceber pessoas cuja apreensão sensorial distorcida impede o indivíduo de mostrar-se verdadeiramente, pois o problema lhe causa dores e angústias. O ser que possui tal acometimento psicofísico possui capacidade de posicionar-se diante desse mesmo problema, pois a dimensão espiritual lhe possibilita agir com o antagonismo psiconoético que consiste na capacidade de posicionamento da pessoa espiritual diante de uma situação somatopsíquica ou social. Esse recurso possibilita a pessoa espiritual posicionar-se em relação a sua condição, ou seja, ela pode agir diante sua apreensão de mundo distorcida pelos seus problemas sensoriais (GUBERMAN; PEREZ SOLTO, 2005).

Delacato (1974) descreve o casso de Bobby que constantemente balança a mão na frente de seu rosto. Ele supõe que essa criança tem um problema sensorial olfativo e que esse recurso a auxilie a monitorar odores. Temple e Carly relatam suas percepções e descrevem casos de outras pessoas falando sobre problemas sensoriais e seus comportamentos. Assim conhecemos o seguintes casos:

- Temple fala sobre Donna William, mulher autista que sofre com a velocidade das imagens percebidas pela via sensorial visual. Ela desenvolveu o método de piscar os olhos transformando as imagens captadas em quadros. Essa técnica auxilia Donna a lidar com sua dificuldade sensorial, aliviando o estresse ocasionado por sua disfunção (GRANDIN; PANEK, 2013).

- Temple relata sobre Tito Rajarshi Mukhopadhayay, que tinha noção de seus membros como peças, passando a girar em círculos para unir as partes e ver-se como um todo (GRANDIN; PANEK, 2013).

- Carly Fleischmann relata sua intensa jornada no mundo devido aos seus amplos problemas sensoriais, que permeiam boa parte de sua vivências. Ela relata o que sentia quando era exposta aos estímulos e como achava melhor reagir nesse contexto: abrir-se em um ataque de raiva ou fechar-se em si (FLEISCHMANN e FLEISCHMANN, 2012)

- Carly fala sobre a filtragem de aúdio, processo desenvolvido pela pessoa com TEA que auxiliaria a entender o que as pessoas dizem diante dos vários estímulos sonoros a qual se é exposto e captado de forma simultânea. Pessoas que comportam-se emitindo barulhos e frases repetitivas podem estar exercendo a filtragem de aúdio (FLEISCHMANN e FLEISCHMANN, 2012).

- Carly relata sobre o seu funcionamento visual, que funciona como se estivesse capturando as imagens como se fossem fotos. Ela diz que apenas um olhar pode capturar várias imagens e isso acaba lhe sobrecarregando. Para lidar com esse processamento visual a pessoa pode comportar-se com o olhar vago e não o direcionando a quem fala (FLEISCHMANN e FLEISCHMANN, 2012).

Balançar a mão na frente do rosto, piscar os olhos, girar o corpo, filtragem de áudio, olhar vago e não olhar diretamente nos olhos dos outros, abrir-se demonstrando raiva ou fechar-se completamente são os métodos de adaptação segundo a logoterapia que o ser espiritual utiliza para lidar com o meio.

É através da possibilidade de opor-se a sua condição, ofertada pelo antagonismo psiconoético que a pessoa com problema sensorial pode posicionar-se diante sua condição

orgânica. Em um momento de dor ou incômodo ocasionado por problemas sensoriais, vários caminhos são oferecidos para reagir diante desse sofrimento. O comportamento que a pessoa autista exterioriza e muita vezes parece sem função pode ter como objetivo lidar com esse momento de sofrimento. Ou seja, ele escolhe reagir de modo a assimilar o estímulo que está em déficit ou amenizar o sofrimento decorrente dessa distorção sensorial. Ele tem uma atitude. Para Frankl, a atitude consiste na disposição espiritual que possibilita o posicionamento ativo do homem quando existe uma rígida situação a qual ele deve confrontar (GUBERMAN; PEREZ SOLTO, 2005).

No contexto dos problemas sensoriais é perceptível que, para lidar da melhor forma com a situação, não são possíveis à realização de valores criacionais ou valores de experiência. Não é possível dar algo de si ao mundo ou apreciar a experiência de seu momento nebuloso. A pessoa encontra-se em sofrimento e, o único recurso valorativo possibilitando o encontro com sentido é o verdadeiro posicionamento da pessoa diante de seu acometimento psicofísico (PAJERA HERRERA, 2015). Assim, ela exerce um valor de atitude ao escolher posicionar-se através do comportamento que exterioriza internalizando bem-estar. Quando Carly reage fechando-se ou expandido-se diante um estímulo, ambos os comportamentos objetivam amenizar seu organismo de sua frustrante percepção sensorial.

A autoconfiguração possibilita ao ser espiritual um direcionamento do sentido a partir da liberdade, possibilitando que ele se posicione diante da configuração externa. Com isso o sujeito pode se auto-determinar sendo livre para modificar em si o que achar conveniente para seu crescimento. Ao inserir em sua atitude uma prática adaptativa ele pode se modificar internamente, pois o recurso objetiva diminuir o sofrimento ocasionado pela sua apreensão sensorial e a assimilação desse processamento distorcido. Donna, a autista que pisca os olhos, modifica a recepção dos estímulos sensoriais das imagens através de seu comportamento, internalizando uma apreensão modificada desse estímulo que lhe causa menos estresse e a ajuda a se inserir no meio. Isso também ocorre com Carly ao utilizar a filtragem de aúdio e evitar o contato visual. Tito recebe um novo significado de si ao tomar atitude de girar seu corpo. Todas essas são atitudes que possibilitam que se internalize o estímulo de maneira diferente, possibilitando uma melhor compreensão do mesmo. É a auto-aceitação de si que move o ser através dos valores. Para a logoterapia esse termo não trata de uma aceitação passiva, mas de um ser espiritual ativo (GUBERMAN; PEREZ SOLTO, 2005).

A vontade de sentido é o que move o ser, direcionando-o através de seu posicionamento ao bem estar. Quando a pessoa com TEA exerce o comportamento adaptativo

ela está objetivando saber lidar com a situação biológica que lhe impede de ter uma experiência tranquila no mundo. Dentre os caminhos possíveis para responder a apreensão confusa dos estímulos o ser escolhe a que lhe possibilita compreender, lidar ou pelo menos amenizar o seu estresse diante as situações. Tem-se aí uma questão de sobrevivência, objetivando estar no mundo e compreender as vivências que o cercam. Assim, a pessoa vai de encontro com o sentido quando escolhe o melhor para si, tendo atitudes que auxiliam em suas vivências e inserção social (GUBERMAN; PEREZ SOLTO, 2005).

5) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho foi abordado sobre o comportamento advindo dos problemas sensoriais da pessoa autista como recurso adaptativo ao meio externo devido a sua captação atípica e muitas vezes dolorosa dos estímulos sensoriais. No decorrer do trabalho foi mostrado que, como ser espiritual na visão de Viktor Frankl, esse problema não define a unicidade do ser, atingindo apenas sua dimensão psicofísica. A dimensão noética permanece intacta em sua estrutura e, como instância superior as demais, abrange o que provir das demais dimensões. Dotado de liberdade e de vontade de sentido a pessoa autista busca seu espaço no mundo utilizando recursos próprios para conviver com sua percepção sensorial. Assim, essa revisão de literatura mostrou que o comportamento que muitas vezes pode ser incompreendido por observadores tem uma função específica no meio: auxiliar a pessoa autista em sua passagem pela vida.

Muitos pais, cuidadores, amigos e demais observadores podem se deparar com o comportamento da pessoa autista e tê-lo como tabu. A ampla variação desse transtorno, assim como a singularidade de cada pessoa, fazem com que esses comportamentos também ocorram de modo muito diversificado, dificultando seu entendimento. Sem uma compreensão adequada essas pessoas podem tentar cessar ou modificar os esses comportamentos que aparentemente não tem função e se destacam em sociedade.

Pais podem querer que seus filhos mostrem sociabilidade ao olhar nos olhos de outras pessoas, ao tentar cessar comportamentos repetitivos e parar tudo que de certa forma, devido a falta de conhecimento, lhe parece estranho. O que pode parecer certo com a falta de informações, nem sempre é. Tentar impedir um comportamento que auxilia o sujeito em sua inserção no mundo não poderia agredi-lo?

Compreender a pessoa autista é de fato uma tarefa árdua, especialmente quando se trata de sua percepção sensorial. Quando esta é uma pessoa não verbal a tarefa se torna ainda mais difícil. A dificuldade, entretanto, não torna esse conhecimento inviável. Atualmente existem métodos de trabalho como o ABA e o TEACCH que auxiliam na comunicação com a pessoa autista e a ajudam a se inserir em sociedade. Entretanto, é importante não deixar que a inserção na sociedade direcione os métodos para que a criança se molde ao mundo em que vive sem sequer compreendê-la. Entender de fato a pessoa autista é um dos primeiros passos no processo assistencial. É ideal abraçar todas as suas diferenças e iniciar um processo investigativo sobre a pessoa e assim compreender o verdadeiro motivo de tais comportamentos.

A pessoa autista precisa não só ter porta-vozes, precisa ter a sua própria voz ouvida e valorizada, precisa de pessoas que estejam dispostas a entendê-las e de estudos que utilizam de recursos modernos para auxiliar em seu progresso.

ABSTRACT

According to the DSM-V the ASD - Autism Spectrum Disorder consists in a diagnosis disorder diagnosed from the observation of behaviors that present social deficits, difficulty in nonverbal, restricted and repetitive patterns of behavior, interests or activities. Sensory problems it's not a diagnostic criteria of ASD, but according to a 2004 study they are present in about 70 to 80% of autistic people. This problem consists of a hearing, smell, taste and touch, attending to stressful and painful experiences. This way of perceiving the world can be reflected without that of the autistic person. This works analyze survey through a literature review that you do not know and that leads one to an individual to this kind of attitude, which makes people incomprehensible by society. For this report was used the theorist of Logotherapy, created by Viktor Frankl and his structure of man, enabling the understanding as a person of age in a world without being spiritual.

Keywords: Autism. Sensory processing. Logotherapy.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-IV. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5ª ed. Porto Alegre : ARTMED, 2014.
CANUT, A.C.A. et al. Diagnóstico Precoce do Autismo: Relato de Caso. Revista de Medicina e Saúde de Brasília. 2014.

CAMINHA, R. C.; LAMPREIA, C. Findings on sensory deficits in autism: implications for understanding the disorder. Psychol. Neurosci., Rio de Janeiro , v. 5, n. 2, p. 231-237, Dec. 2012.

COELHO JUNIOR, A. G.; MAHFOUD, M. As dimensões espiritual e Religiosa da Experiência Humana: Distinções e Inter-relações na obra de Viktor Frankl. Psicol. USP, São Paulo, c. 12, n.2, p. 95-103, 2001.

BAZZI, Tulio; FIZZOTTI, Eugenio. Guia de la logoterapia: Humanizácion de la psicoterapia. Editorial Herder, Barcelona. 1989

DELACATO, Carl H. The Ultimate Stranger: The Autistic Child. Estados Unidos, Ed. Arena Press, 1974.

DOMAN, R., Jr. (1986). The autistic child. Journal of the National Academy for Child Development, 6, 11. [Links]

FRANKL, Viktor E. A presença ignorada de Deus. 15 ed. Ed. Sinodal; Ed. Vozes. São Leopoldo; Petrópolis, 2007.

FRANKL, Viktor E. Um sentido Para a Vida: Psicoterapia e Humanismo. Ed. Ideias e Letras, 2005.

FLEISCHMANN, A.; FLEISCHMANN, C. Carly's Voice: Breaking Through Autism. Nova York: Ed. Touchstone, 2012.

GRANDI, T.; PANEK, R.. O Cérebro Autista: Pensando Através do Espectro. 7 ed. Rio de Janeiro, Ed. Record, 2013.

GUBERMAN, M.; PÉREZ SOTO, E. Diccionario de logoterapia. Ed. Grupo Editorial Lumen Hvmanitas. Buenos Aires, 2005.

HATCH-RAMUSSEN, C. (1995). Sensory integration. http://www.autism.org (accessed October 5, 2012)

HARRISON, J.; HARE, D. J. (2004). Brief report: Assessment of sensory abnormalities in people with autistic spectrum disorders. Journal of Autism and Developmental Disorders, 34(6), 727-730.

MARKRAM, Henry. The intense world syndrome – na Alternative Hypothesis for Autism. Biological Psychiatry 65, p.15-16, 2009.

HUSSERL, E. (1985) Husserl (Col. Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural.

HUTT, C., HUTT, S. J., LEE, D. & OUSNTED, C. (1964). Arousal and childhood autism. Nature, 204, 04961, 908-909.

LIMA NETO, Valdir Barbosa. A espiritualidade em logoterapia e análise existencial: o espírito em uma perspectiva fenomenológica e existencial. Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 19, n. 2, p. 220-229, dez. 2013 .

MELLO, A. M. S. R. de. Autismo: Guia Prático. 4 ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2005.

MOREIRA, Virgínia. Possíveis contribuições de Hurssel e Heidegger para clínica fenomenológica. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 15, n. 4, p. 723-731, out./dez. 2010
ORTIZ, E. M. Manual de psicoterapia com enfoque logoterapeutico. Ed. Manual Moderno, 2013.

PAJERA HERREJA, Guillermo. Viktor Frankl. Comunicación y resistencia- 1ª edi. 1ª reimp. – Buenos Aires: San Pablo, 2007

PEREIRA, Ivo Studar. A ontologia dimensional de Viktor Frankl: o humano entre corpo, psiquismo e espírito. Logos e Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, 2015.

PEREIRA, Ivo Studart. A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. Psicol. USP, São Paulo , v. 18, n. 1, p. 125-136, 2007 .

ROTTA, N.T.; BRIDI FILHO, C. A.; BRIDI; F.R. de S. Neurologia e Aprendizagem: Abordagem Multidisciplinar. Porto Alegre: Ed. Artmed. 2016